

6. A RELAÇÃO DO DISTÚRBO OSTEOMUSCULAR RELACIONADO AO TRABALHO EM MULHERES QUE TRABALHAM DESENVOLVENDO ATIVIDADES DE ENFERMAGEM

Maria da Gloria Amaral¹; Priscila Saraiva Caramuru²; Rosane Ramos Magalhães³

A inserção da mulher no mercado de trabalho, fez com que ela fragmentasse o seu tempo, entre o cuidado da casa/família e o trabalho. Somando isso às condições desfavoráveis de trabalho do serviço da enfermagem, onde executa tarefa que lhe proporciona um grande desgaste físico, decorrente do grau de dependência de seus clientes, a profissional de enfermagem fica submetida às doenças ocupacionais, dentre elas, os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT). Além disso, o aumento da produtividade sobrecarrega a profissional, já que parte do trabalho é realizado na maioria das vezes sem tecnologias e mais manualmente, por exemplo, o banho no leito, exigindo maior esforço esquelético-muscular, e também a forma de trabalho é padronizada, fazendo com que as atividades fiquem mais monótonas, isso com passar do tempo marca no corpo da profissional as condições de trabalho que ela vive. Acarretando um sério problema na vida da profissional de enfermagem, fundamentalmente, porque diante dos sintomas apresentados, a sua tarefa corriqueira pode ser afetada, daí não sendo efetiva e diminuindo a sua produtividade. Além disso, esta profissional pode ter tantas tarefas para desenvolver que fica envolvido no ritmo do trabalho e acaba se desleixando da sua própria saúde, podendo, no futuro, aumentar progressivamente o número de ausência desta profissional na sua organização de trabalho. E secundariamente, pelo fato, dos sintomas serem subjetivos, as profissionais de saúde acometidas pelo DORT, poderão ser interpretadas mal pela sua chefia, podendo ser rotulada como preguiçosa, desestimulada, dissimulada, menos produtiva e etc. Para tanto, é necessária habilidade por parte dos gestores para saber diferenciar as funcionárias que se encontram doentes, das que estão simulando, para então poder tomar uma decisão digna e humanizada com essa profissional. Porém, esta é uma habilidade muito complexa, pois a empatia existente entre os profissionais pode influenciar no momento desta decisão. Em se tratando da prevenção dos DORTs, é necessário que na organização de saúde, todos os funcionários estejam trabalhando na mesma sintonia, tanto para atingir o seu objetivo crucial, que é o cuidado com o cliente, como preservando a saúde do trabalhador, porque a área da saúde é desenvolvida por uma equipe multidisciplinar. Um profissional não caminha sem o outro, e sim em conjunto, e se um membro dessa equipe se encontra num estágio já debilitado por DORT, a execução do ato assistencial não vai fluir com êxito. Entretanto, é necessário que haja a promoção da saúde, incentivando as profissionais a adquirirem uma visão holística na realização da atividade de penosa, onde o comprometimento corporal pode ser envolvido. Para isso, é essencial, em primeiro lugar, implementar um treinamento

sobre a ergonomia adequada para a realização dos procedimentos de competência de cada área profissional, e em segundo lugar, buscar o conhecimento para se preservar dentro da lei vigente, principalmente a ergonomia (NR 17) e os direitos trabalhistas (a Previdência Social). Em função de todo o exposto procurou-se estudar a relação do DORT e mulheres que trabalham desenvolvendo atividades de enfermagem. Nesse estudo, foi pontuado como o objetivo identificar as causas de maior susceptibilidade da mulher, enfermeira, no adoecimento pelo DORT e relacionar as orientações necessárias. A **metodologia** adotada é o estudo documental de caráter explicativo, com abordagem qualitativa dos dados. Na **análise** sistemática de dados, que ainda encontra-se em andamento, foram encontrados 198 artigos publicados, no período de 2003 a 2009, a respeito da temática, entretanto só 10, retrataram a enfermagem acometida pelo DORT e só 2 artigos se identificaram com o objeto de estudo. Diante dos dados analisados, foi possível verificar que a mulher está em maior evidência no acometimento do DORT, entretanto não é comprovado cientificamente, são só especulações, pelo fato da mulher possuir sua fragilidade psicobiológica e a dupla jornada de trabalho (lar/trabalho). Com relação a enfermagem, diante a predisposição ao DORT é bem considerável, visto que, exerce diversas tarefas penosas e sacrificantes durante a sua longa carga horária, que se o gestor não souber, avaliar o ambiente de trabalho efetivo, prejudicará o trabalhador, assim afetando a assistência do paciente. Para tanto, conclui-se que há uma nítida escassez de artigos que façam uma analogia sobre os dois assuntos. Isso não quer dizer que a mulher que é inserida na enfermagem, onde exerce trabalho repetitivo e monótono, é menos acometida pelo DORT, mas sim, da carência de pesquisas sobre tal temática. Já a respeito das orientações necessárias, para que esta profissional não desenvolva o DORT, a Norma Regulamentadora 17 é a mais indicada, paramentando-a com um olhar de forma holística sobre o ambiente de trabalho e refletindo em melhores condições de saúde da trabalhadora. Tendo como base, a amplitude dos fatores ergonômicos que se refletem na mulher, de fato, isto corresponde às diferenças biológicas entre homens e mulheres, as medidas antropométricas, a força muscular, a capacidade cardiovascular, a psicomotricidade, o funcionamento do aparelho reprodutor feminino, dentre outros. A proposta que a ergonomia efetiva traz para o empregado é a correção de uma ambiente de trabalho que o leva a não desenvolver malefícios de saúde, através de ações humanizadas, que beneficiará o empregado com a segurança e o empregador pela eficiência do trabalho prestado.

Descritores: DORT/LER, mulher e enfermagem.

¹Professora Mestre, coordenadora do curso de enfermagem e da pós graduação de enfermagem do trabalho, da Fundação Técnico Educacional Souza Marques.

²Acadêmica de enfermagem da Fundação Técnico Educacional Souza Marques.
priscilasaraiwa3@gmail.com

³Acadêmica de enfermagem da Fundação Técnico Educacional Souza Marques.